

Atividades que estão no mapa

Dissertação de geógrafa mostra a importância da cartografia na sala de aula

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

O mapa não deveria permanecer como uma imagem estática na parede da sala de aula ou ser relegado ao nível de ilustração de determinado conteúdo no livro didático. No entanto, essa é a realidade. “Ele é subutilizado. O mapa deve ser considerado um recurso de informação importante para a construção do conhecimento no ensino básico”, destaca a geógrafa Viviane Lousada Cracel. Na tentativa de mudar a forma de enxergar os recursos cartográficos, ela se propôs a desenvolver três atividades com alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Campinas em conjunto com o professor da disciplina, que envolvia, além de conteúdo expositivo, a elaboração de mapas pelos próprios estudantes, inclusive com saídas a campo nos arredores da escola.

Na opinião da geógrafa, trata-se de um instrumento de ensino que vai muito além da simples localização de lugares e fenômenos. Ele constitui um recurso riquíssimo e importante para a aprendizagem. “Por isso, a minha intenção de tentar fazer com que os estudantes tenham o mapa de outra forma, extraindo o maior número de significados”, destaca a autora da pesquisa de mestrado apresentada no Instituto de Geociências (IG), sob orientação do professor Maurício Compiani.



A geógrafa Viviane Lousada Cracel, autora da dissertação: extraindo dos mapas o maior número de significados

Num primeiro momento, as aulas expositivas permitiram aos alunos o contato com as convenções cartográficas com posterior discussão do seu caráter social. Ou seja, o objetivo foi mostrar que o mapa é construído socialmente e que por isso não é neutro, envolvendo aspectos históricos em sua elaboração. Discutiu-se, por exemplo, a questão da neutralidade na sua produção, os aspectos históricos de representação, além dos conteúdos sobre escala e aspectos técnicos para a produção. Ao final da exposição, os professores solicitaram aos alunos que elaborassem o mapa da sala de aula que frequentavam. “Foi uma primeira experiência que possibilitou verificar o nível de aprendizagem dos conteúdos”, explica.

Na segunda parte das atividades,

o desafio proposto para os estudantes foi elaborar um mapa a partir do texto *Cartografia 1.1*, sobre o bairro da Luz, no centro de São Paulo. Os alunos selecionaram algumas palavras relacionadas ao conteúdo de redes e fluxos e depois fizeram mapas. Mas foi no trabalho de campo que Viviane observou maior evolução em relação à compreensão do conteúdo. Segundo ela, fazer um percurso a pé nas ruas do bairro consiste em uma metodologia viável que, em sua opinião, deveria ocorrer de forma rotineira nas aulas de Geografia. “Os professores deveriam investir mais neste tipo de metodologia, pois se mostrou eficiente para que os alunos assimilassem o conteúdo das aulas expositivas com os aspectos do cotidiano. O número de informações e a qualidade dos mapas também tive-

ram um salto considerável”, comenta.

Da experiência, a geógrafa percebeu que o maior desafio foi desenvolver estratégias com base no referencial teórico de [Lev] Vygotsky, pensador russo. “A grande maioria dos trabalhos na área de ensino de cartografia utiliza [Jean] Piaget como referencial teórico e, no meu estudo, optamos por Vygotsky, autor pouquíssimo trabalhado nessa área”, explica.

Segundo Viviane, o russo traz uma abordagem completamente diferente da preconizada por Piaget. Embora contemporâneos, para Piaget o desenvolvimento é que impulsiona a aprendizagem, ou seja, a aprendizagem só ocorre mediante a consolidação das estruturas cognitivas. Já para Vygotsky é a aprendizagem que promove o desenvolvimento. O autor

acreditava que só há aprendizagem quando o sujeito internaliza o que já foi vivenciado no plano social. “Vygotsky tinha no aspecto social um ponto importante em sua obra”, argumenta. A partir destas considerações, Viviane Cracel prossegue a pesquisa no doutorado para elencar possíveis estratégias a serem utilizadas em sala de aula e que auxiliem os professores no ensino da cartografia de forma mais abrangente.

■ **Publicação**
Dissertação: “A importância do mapa na construção do conhecimento cartográfico: uma análise a partir da perspectiva histórico-cultural”
Autor: Viviane Lousada Cracel
Orientador: Maurício Compiani
Coorientadora: Fernanda Keila Marinho da Silva
Unidade: Instituto de Geociências (IG)
Financiamento: Capes

Educadora prega letramento digital na EJA

Em geral, maioria dos alunos não tem acesso a computador

As aulas de informática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) são uma grande oportunidade de acesso ao uso do computador para esse público, formado basicamente por pessoas que voltaram aos bancos escolares para terminar os estudos. “É a ponte de acesso, visto que, fora da escola, esses alunos têm participação reduzida ou nula nas práticas de letramento digital”, defende a educadora Viviane Gonçalves Curto, que apresentou dissertação de mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). No ensino regular, continua, muitas crianças e adolescentes possuem oportunidades de conviverem com o computador na família. Fazem uso recorrente de jogos e redes sociais e dominam o equipamento antes mesmo de frequentarem a escola. “Mas, essa mesma situação não se verifica na EJA. A maioria dos estudantes não tem acesso à tecnologia e nem dispõe de tempo ou condições financeiras para aprender a manejá-la”, ressalta.

Sob orientação da professora Denise Bértoli Braga, a educadora decidiu investigar como se dá o uso do computador por 15 alunos na faixa etária entre 25 e 75 anos e, com isso, oferecer instrumentos que auxiliem os professores interessados



Sala de aula em escola de Limeira: para educadora é fundamental que haja um cuidado especial com a formação de professores que atuam na EJA

na utilização pedagógica deste tipo de tecnologia com um público com características bem diferenciadas. Em sua experiência como professora desta modalidade, vários aspectos a levaram a aprofundar-se em assunto pouco tratado pelos pesquisadores da área. “As discussões buscam sempre abordar a utilização do computador como ferramenta no ensino fundamental e médio e não consideram que a EJA consiste em um ambiente profícuo em que os adultos têm necessidades e precisam de auxílio em situações reais e rotineiras”, destaca.

Durante a pesquisa, Viviane não só acompanhou as aulas de informática como também ministrou um curso para os estudantes em Belo Horizonte

(Minas Gerais), observando diversas situações que pontuam as suas afirmações sobre o assunto. Ela encontrou alunas que são mães cuja preocupação maior está em oferecer aos filhos oportunidades de estudo e aprendizado que os auxiliem a ter um desenvolvimento profissional e melhores condições de vida. “Por isso, preferem pagar cursos de informática para seus filhos se a escola que frequentam não oferece a modalidade, ao invés de investirem na própria formação”, constata. Neste sentido, a escola assume uma importância fundamental para a inclusão digital desta população e acesso às práticas que o computador permite.

Ainda que tenha coletado dados que reafirmem a EJA como possi-

bilidade de acesso ao computador, a autora da pesquisa observou que muitas escolas não dispõem de aulas de informática para o período noturno, horário em que a modalidade é mais oferecida. As poucas instituições que utilizavam máquinas nas práticas pedagógicas da EJA, explica, não faziam uso sistemático dessa tecnologia ou não tinham em seus currículos um momento específico para tal abordagem. Esse quadro tornou evidente o quanto ainda é necessário se fazer para garantir o acesso ao computador ao público da EJA, através da escolarização formal.

A experiência levou Viviane Curto a mudar a crença inicial em relação ao desempenho no uso do computador

entre os alunos jovens e aqueles com idade mais avançada. “Ao colocar na balança as vantagens e desvantagens, o desempenho não difere de uma categoria e outra”, afirma. Na verdade, o que a educadora defende é que deveriam ser aplicadas estratégias diferentes entre os alunos.

Segundo ela, é reconhecido que os estudantes jovens são mais rápidos no uso do computador, mas, por outro lado, aqueles de idade mais avançada desenvolveram as atividades de maneira mais criteriosa. “Tanto os alunos jovens como os idosos utilizam o computador de forma diferenciada e apresentam dificuldades que são compensadas pelas estratégias positivas empregadas por cada um deles durante o uso da máquina”, explica.

Para a educadora é fundamental que haja um cuidado especial com a formação de professores que atuam na EJA. Muitas iniciativas ficam no improviso e não há organização. Poucos se preocupam em desenvolver atividades diferenciadas e com foco específico neste público. “Algumas professoras com quem conversei acreditam que o problema é sério e sem possibilidade de reversão”, lamenta. Neste sentido, a quantidade de informações obtidas no estudo pode contribuir para o fornecimento de dados para elaboração de propostas pedagógicas da EJA. (R.C.S.)

■ **Publicação**
Dissertação: “O acesso às práticas de letramento digital na Educação de Jovens e Adultos”
Autor: Viviane Gonçalves Curto
Orientador: Denise Bértoli Braga
Unidade: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)
Financiamento: Capes